Lição 15: Um Problema sobre a Felicidade

> *Ora, muitas transformações acontecem e todo tipo de fortunas ao longo da vida, e sucede que o mais próspero incorra em grandes calamidades na velhice, como se narra nos poemas heroicos a respeito de Príamo. A quem usou de tais fortunas e terminou miseravelmente, ninguém, pois, chama de feliz. [177]*
>
> *Não se deve, então, chamar feliz nenhum outro homem enquanto vive, mas, segundo Sólon, é melhor olhar para o fim? [179]*
>
> *E se se deve estabelecer assim, então também é feliz então, quando morrer. Ou isto é totalmente inconveniente, sobretudo para nós, que dizemos ser a felicidade uma certa operação. [180]*
>
> *Se, porém, não dizemos que o morto é feliz, nem Sólon quer isso, mas que então alguém firmemente chamará de bem-aventurado o homem, como já estando fora dos males e infortúnios, também isto encerra certa questão. Pois parece que ao morto sobrevêm algum mal e algum bem, se é que ao vivente que não sente, por exemplo, honras e desonras, e as prosperidades e os infortúnios dos filhos e dos descendentes em geral. [181]*
>
> *E também estas coisas suscitam uma questão. Pois àquele que viveu bem-aventuradamente até a velhice e morreu de modo digno, sucede que ocorram muitas transformações a respeito dos filhos, e que alguns deles sejam bons e alcancem uma vida conforme à dignidade, ao passo que outros o contrário. E é manifesto que, quanto às distâncias em relação aos pais, sucede que se comportem de todos os modos. Ora, tornar-se-ia inconveniente se também o morto se transformasse, de modo que se tornasse ora feliz, ora, porém, miserável; mas é inconveniente também que em nada e em tempo algum sobrevenham aos pais as coisas dos filhos. [183]*
>
> *Mas é preciso voltar à questão anterior, pois talvez se possa ver, a partir dela, também aquilo que agora se indaga. Pois, se é preciso olhar para o fim e então chamar bem-aventurado cada um, não como sendo então bem-aventurado, mas porque antes o era, como não seria inconveniente que, quando alguém é feliz, não se diga verdadeiramente dele que o é, por não se querer chamar felizes os viventes por causa das transformações e por se julgar a felicidade algo*

> *permanente e de modo algum facilmente transformável, ao passo que as fortunas muitas vezes voltam em círculo sobre os mesmos? Pois é manifesto que, se seguirmos as fortunas, chamaremos o mesmo homem feliz e de novo miserável muitas vezes, proclamando o feliz como um certo camaleão e debilmente firmado. [185]*

177. ***Muitas transformações, porém*** etc. Depois que o Filósofo mostrou o que é a felicidade, aqui suscita uma certa dúvida acerca da felicidade, a saber, se nesta vida alguém pode ser dito feliz.

E acerca disto faz três coisas:

primeiro, põe o motivo da dúvida;

segundo, põe a dúvida, ali: ***não se deve, então, chamar feliz nenhum outro homem*** etc.;

terceiro, põe a solução, ali: ***ou seguir as fortunas*** etc.

Diz, portanto, primeiro que muitas transformações da fortuna acontecem, pois raramente e em poucos ela é estável, e transformações desse tipo acontecem de todos os modos, por exemplo, tanto do bom para o mau quanto do mau para o bom, ora segundo algo pequeno, ora segundo algo grande, ora segundo algo de importância mediana. E mudanças desse tipo podem acontecer ao longo de toda a vida do homem, por exemplo, na adolescência, na juventude ou na velhice;

178. pois sucede às vezes que alguém que durante toda a sua vida teve a máxima abundância de bens exteriores, na velhice incorra em máximas calamidades, como narra Homero a respeito de Príamo nos versos heroicos. Ora, ninguém dirá que é feliz aquele que usou de tais bens da fortuna e depois termina miseravelmente, porque isto parece pertencer ao aumento da miséria, que alguém venha de grande prosperidade a grande miséria.

179. Depois, quando diz: ***não se deve, então, chamar feliz nenhum*** etc., suscita a dúvida pretendida.

E primeiro propõe a questão;

segundo, objeta contra ela, ali: ***e se se deve estabelecer*** etc.;

terceiro, exclui uma certa resposta, ali: ***se, porém, não dizemos*** etc.

Propõe-se, portanto, primeiro a questão acerca da opinião de Sólon, que foi um dos sete sábios e estabeleceu as leis dos atenienses; o qual, considerando que a vida humana está sujeita às mudanças da fortuna, disse que ninguém deve ser dito feliz enquanto vive, mas somente no fim de sua vida. É, pois, questão se, por causa daquilo que aconteceu a respeito de Príamo, nenhum outro homem deve ser dito bem-aventurado enquanto vive, mas, segundo a sentença de Sólon, é melhor considerar o fim da vida, isto é, se a felicidade persevera até o fim, para que assim alguém seja

dito feliz, ou se não é preciso observar isto.

180. Depois, quando diz: ***e se se deve estabelecer*** etc., objeta contra a questão precedente, refutando o dito de Sólon. Pois, se alguém estabelece assim como disse Sólon, segue-se que o homem é feliz então, quando morre. Mas isto parece inconveniente, tanto por outras razões, por exemplo, porque a morte é o máximo defeito, ao passo que a felicidade é a suma perfeição, quanto por isto que dissemos acima, que a felicidade é uma certa operação; ora, os mortos não parecem ter operação alguma; logo, não podem ser ditos felizes. E deve-se notar que o Filósofo não fala aqui da felicidade da vida futura, mas da felicidade da vida presente, se pode ser atribuída ao homem enquanto vive ou somente na morte.

181. Depois, quando diz: ***se, porém, não dizemos que o morto é feliz*** etc., exclui uma certa resposta.

E isto por duas razões, das quais põe a segunda ali: ***mas é preciso voltar à questão anterior*** etc.

Acerca da primeira faz duas coisas:

primeiro, propõe a resposta e a refuta;

segundo, a partir disto suscita uma certa questão, ali: ***e também estas coisas suscitam uma questão*** etc.

Acerca do primeiro deve-se considerar que a razão precedente de Aristóteles mostrava que alguém não é feliz na morte. Ora, alguém concederá isto, dizendo que o morto não é feliz; nem Sólon quis dizer isto, a saber, que alguém, quando morre, seja feliz, mas quis dizer que, então, quando o homem morre, se pode dar sentença firme sobre o fato de ter sido bem-aventurado, porque já está fora do perigo dos males e dos infortúnios, de modo que doravante não se possa duvidar de sua felicidade. Mas exclui esta resposta, dizendo que ela encerra certa dúvida.

182. Pois o morto difere do vivo nisto, que carece de sentido. Ora, sucede que ao homem vivente sobrevenha algum bem ou mal, ainda que não o sinta; por exemplo, se, ignorando-o ele, é difamado, ou seus filhos são mortos, ou suas riquezas são saqueadas. Logo, por igual razão parece que ao morto possa acontecer bem ou mal, ainda que não o sinta. E fala do bem ou do mal da vida civil, como fica claro pelos exemplos que acrescenta, dizendo: *por exemplo, honras e desonras*. Pois às vezes se prestam aos mortos algumas honras, como quando são louvados e sua memória é celebrada, e semelhantemente lhes são feitas certas desonras, por exemplo, quando são desenterrados e seus ossos queimados; semelhantemente também parece que lhes possam acontecer alguns bens ou males segundo as prosperidades e os infortúnios dos filhos e dos netos. Assim, portanto, parece que nem mesmo os mortos estão totalmente fora dos males e infortúnios, e assim nem mesmo na morte se poderia dizer que fossem felizes.

183. Depois, quando diz: ***e também estas coisas suscitam uma questão*** etc., interpõe uma certa questão por ocasião do que foi dito. E diz que estas coisas, a saber, as prosperidades e os infortúnios dos filhos e dos netos, suscitam uma questão. Pois sucede às vezes que alguém vive felizmente até a velhice e morre felizmente segundo a noção de felicidade estabelecida, e todavia

depois acontecem muitas transformações a respeito de seus filhos, dos quais alguns são bons e vivem conforme a dignidade do pai, ao passo que outros se comportam ao contrário. Pois é manifesto que de todo modo sucede que os filhos se diversifiquem dos pais, por exemplo, que de bons pais sejam maus filhos e de ricos, pobres.

184. Feita esta suposição, parece seguir-se algo inconveniente de ambas as partes: pois é inconveniente se também o morto se transformasse por causa de infortúnios desse tipo, de modo que quem outrora foi feliz de novo se tornasse miserável; e, por outra parte, parece inconveniente se, ao menos em algum tempo próximo, aquilo que acontece aos filhos em nada pertencesse aos pais, mesmo mortos, de modo que por isso sua felicidade fosse impedida.

185. Depois, quando diz: ***mas é preciso voltar*** etc., põe a segunda razão para excluir a resposta precedente. E diz que, deixada de lado a segunda questão, é preciso voltar à primeira questão, de cuja solução se poderá ver a verdade da segunda questão. Ora, parece que a resposta precedente não é conveniente. Pois, se é preciso olhar para o fim da vida humana e então dizer que alguém é feliz, não que então seja verdadeiramente bem-aventurado, mas que antes era bem-aventurado, isto parece inconveniente, que, quando alguém é feliz, não se diga verdadeiramente que é feliz, mas depois se diga verdadeiramente dele que foi feliz; ora, a verdade da proposição sobre o passado depende da verdade da proposição sobre o presente; pois algo é verdadeiro que foi, porque foi verdadeiro que era.

186. Mas alguns não queriam dizer que o homem é feliz quando o é, por causa das transformações da vida presente e por isto que julgavam a felicidade ser algo permanente e não facilmente transformável, de outro modo não aquietaria o desejo natural (pois cada um deseja naturalmente permanecer firmemente no bem que possui); ora, as fortunas muitas vezes voltam em círculo sobre os mesmos, isto é, de modo que dos bens venham aos males e ao contrário. E assim é manifesto que, se, ao julgar acerca da felicidade, seguirmos a consideração da fortuna e dissermos nesta vida a respeito de alguém que é feliz, muitas vezes diremos de um só e mesmo homem que é feliz e de novo que é miserável, e assim proclamaremos alguém feliz à maneira do camaleão, que é um animal que muda de cor segundo as cores dos diversos corpos a ele aproximados, e proclamaremos o feliz debilmente firmado, o que é contra a noção de felicidade.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:04:28 by Admin
Updated 15 October 2026 22:37:23 by Admin